

FOSFATO

Antônio Eleutério de Souza - DNPM/Sede - Tel.: (61) 3312-6870 - Fax: (61) 3312-6914 – E-mail: antonio.eleuterio@dnpm.gov.br
Vanessa Rodrigues dos Santos Cardoso - DNPM/Sede - Tel.: (61) 3312-6839 - Fax: (61) 3312-6914 - E-mail: vanessa.cardoso@dnpm.gov.br

I - OFERTA MUNDIAL - 2006

A produção mundial de rocha fosfática atingiu em 2006, 144 milhões de toneladas, com redução de 1,9% em relação ao ano anterior. Essa oferta foi dividida entre China (22,2%), Estados Unidos (21,3%), Marrocos e Oeste do Saara (17,6%), Rússia (7,6%), Tunísia (5,8%), Jordânia (4,4%), e demais países 21%. O Brasil, com cerca de 5,8 milhões de toneladas, participou com 4,0% do montante ofertado, ocupando a 7ª colocação mundial. Os Estados Unidos, que em 2006 reduziu em 15,4% sua produção, em comparação com 2005, perdeu o posto de líder mundial para a China, cuja oferta foi de 32 milhões de toneladas. Ainda nesse ano, os Estados Unidos atingiram os menores níveis dos últimos quarenta anos, devido à combinação de dois fatores: fechamento de mina e de plantas de produção de fertilizantes e redução das exportações de fertilizantes fosfatados. Ressalta-se que desde 2000 as exportações dos Estados Unidos para os maiores consumidores mundiais de fosfatados, China e Índia, têm diminuído significativamente.

Em termos de reservas, praticamente nada se alterou no ano-base 2006. Marrocos continuou como líder mundial com 21 bilhões de toneladas, seguido da China com 13 bilhões, Estados Unidos 3,4 bilhões, República da África do Sul com 2,5 bilhões, Jordânia com 1,7 bilhão e Austrália 1,2 bilhão. Estes países concentram 86,1% do patrimônio mundial de rocha fosfática. O Brasil com cerca de 261,6 milhões toneladas ocupa a 12ª posição mundial, com 0,5% das reservas.

Reserva e Produção Mundial

Discriminação	Reservas (10 ³ t P ₂ O ₅)		Produção (10 ³ t)			
	Países	2006 ^(p) (1)	%	2005 ^(r)	2006 ^(p)	%
Brasil ⁽²⁾		261.620	0,5%	5.631	5.801	4,0%
Austrália		1.200.000	2,4%	2.050	2.050	1,4%
China		13.000.000	26,2%	30.400	32.000	22,2%
Egito		760.000	1,5%	2.730	2.740	1,9%
Estados Unidos		3.400.000	6,8%	36.300	30.700	21,3%
Israel		800.000	1,6%	2.900	3.000	2,1%
Jordânia		1.700.000	3,4%	6.230	6.400	4,4%
Marrocos e Oeste Saara		21.000.000	42,3%	25.200	25.300	17,6%
Rep. África do Sul		2.500.000	5,0%	2.580	2.600	1,8%
Rússia		1.000.000	2,0%	11.000	11.000	7,6%
Síria		800.000	1,6%	3.500	3.600	2,5%
Tunísia		600.000	1,2%	8.000	8.400	5,8%
Outros países		2.620.000	5,3%	10.240	10.400	7,2%
Total		49.641.620	100,0%	146.761	143.991	100,0%

Fontes: DNPM/DIDEM; *Mineral Commodities Summaries* 2007; ANDA / IBRAFOS. Notas: (1) nutrientes em P₂O₅; (2) reservas medidas e indicadas; (r) revisado; (p) dados preliminares.

II - PRODUÇÃO INTERNA

O parque brasileiro de rocha fosfática produziu cerca de 5,8 milhões de toneladas de concentrado em 2006, apenas 3% de incremento em relação ao ano anterior, o que representou a utilização de 85% de sua capacidade instalada informada pela ANDA. A produção de ácido fórico (100% P₂O₅) em 2006 foi 16% acima do produzido em 2005, ou seja, 1.229 mil toneladas, o que representa 96% da capacidade instalada de produção de ácido fórico. As três maiores empresas produtoras em 2006 foram FOSFÉRTIL / ULTRAFÉRTIL, BUNGE do Brasil e a COPEBRÁS do Grupo Anglo American. A maior parte da produção foi realizada nos Estados de Minas Gerais, Goiás e São Paulo.

III - IMPORTAÇÃO

No exercício de 2006, os dispêndios com importações de insumos fosfatados (concentrado de rocha, ácido fosfórico e produtos intermediários para fertilizantes) totalizaram US\$ 911,715 milhões, 2,7% superior aos US\$ 887,794 milhões de 2005. Esse incremento de gastos deveu-se principalmente, ao maior volume nas importações de concentrado de rocha, que foi superior em 15,7% em relação ao ano anterior, ou seja, cerca de 1,4 milhão de toneladas, a um preço médio US\$ FOB 47,62 / t, provenientes principalmente de Marrocos (51,0%), Argélia (18,0%), Israel (17,0%) e ainda, Togo e Tunísia (juntos com 13,0%).

Com os compostos químicos, denominados produtos intermediários para fertilizantes, o País gastou US\$ FOB 844,8, sendo com ácido fosfórico, US\$ FOB 80,976; com superfosfato (com teor > 45% P₂O₅), US\$ FOB 199,670; hidrogeno-ortofosfato de amônio, US\$ FOB 309,352; outros adubos-fertilizantes minerais químicos US\$ FOB 75,563. Os compostos químicos foram oriundos principalmente da Rússia (24%), Estados Unidos (24%), Marrocos (21%), Israel (11%) e Tunísia (7%). O país continua a depender de subsolo alheio em cerca de 20% com insumos fosfatados e nitrogenados, sendo que os produtos desse setor que vêm do exterior gozam de vantagens tributárias.

IV - EXPORTAÇÃO

As exportações brasileiras de matérias-primas fosfáticas (bens primários) e produtos intermediários para fertilizantes (compostos químicos), foram 8,1% superiores ao exportado no ano de 2005 e geraram receitas de US\$ FOB 235,9 milhões. Os produtos intermediários para fertilizantes (compostos químicos) foram responsáveis por mais de 90,1% do total de divisas.

O principal mercado para os compostos químicos fosfatados brasileiros em 2006 foi o MERCOSUL, que consumiu 95% do total exportado, sendo que os principais países compradores foram Paraguai, com 73,0% e a Argentina, com 22,0%. Os principais produtos exportados são adubos ou fertilizantes com nitrogênio (NCM 31052000) e com fósforo (NCM 31056000), com preço médio de US\$ 246.53/t e US\$ 223.64/t, respectivamente.

FOSFATO

V - CONSUMO

Em 2006, o consumo brasileiro das matérias-primas fosfatadas, concentrado de rocha e ácido fosfórico cresceu 5,3% e 8,8%, respectivamente, em comparação com o ano anterior. Os produtos intermediários para fertilizantes apresentaram um crescimento menor: 1,5% em comparação com 2005, refletindo o fraco desempenho das culturas de grãos, particularmente soja, milho e trigo, em decorrência de diversos fatores, como por exemplo, o endividamento contraído pelos produtores nos dois últimos anos, os efeitos climáticos, o câmbio e a oscilação dos preços internacionais das *commodities* agrícolas. Segundo a ANDA, as culturas que mais consumiram adubos ou fertilizantes e nutrientes P_2O_5 , em 2006, no Brasil foram: soja com 7,1 milhões de toneladas (34%), milho com 3,7 milhões (17%), e cana-de-açúcar, com 3,1 milhões (15%). Ressalte-se que, a cultura de soja, maior consumidora de fertilizantes, teve sua área plantada reduzida em 5,9% em relação a 2005. A rocha fosfática é utilizada principalmente na fabricação de fertilizantes, embora também seja insumo para a fabricação de sabões, detergentes e produtos de limpeza e ração animal. O Brasil é o 4º consumidor mundial de fertilizantes, ficando atrás apenas da China, Índia e os Estados Unidos.

Principais Estatísticas - Brasil

Discriminação		2004 ^(r)	2005 ^(r)	2006 ^(p)
Produção:	Concentrado (bens primários) / (P_2O_5) ** (10^3 t)	5.689 / 2.044	5.631 / 2.005	5.801 / 2.065
	Ácido Fosfórico (produto) / (P_2O_5) ** (10^3 t)	2.168 / 1.094	2.054 / 1.058	2.394 / 1.229
	Produtos Intermediários/ (P_2O_5) ** (10^3 t)	7.664 / 1.916	6.283 / 1.712	6.369 / 1.835
Importação:	Concentrado (bens primários) (t)	1.563.891	1.215.085	1.405.572
	(10^3 US\$-FOB)	74.754	59.893	66.933
	Ácido Fosfórico (produto) (t)	448.039	445.090	328.445
	(10^3 US\$-FOB)	82.269	100.544	80.976
	Prod. Interm. (Comp. Químico) (*) (t)	5.053.453	3.116.689	3.160.487
	(10^3 US\$-FOB)	1.013.101	727.357	763.806
Exportação:	Concentrado (bens primários) (t)	621	162	462
	(10^3 US\$-FOB)	67.7	18.6	65.00
	Ácido Fosfórico (produto) (t)	6.140	9.333	12.466
	(10^3 US\$-FOB)	2.927	5.618	6.927
	Prod. Interm. (Comp. Químico) (*) (t)	693.241	712.019	708.549
(10^3 US\$-FOB)	219.179	212.483	228.886	
Consumo Aparente	Concentrado ⁽¹⁾ (bens primários) (10^3 t)	7.252	6.846	7.206
	Ácido Fosfórico (Produto) (10^3 t)	2.610	2.490	2.710
	Prod. Interm. (Comp. Químico) (*) (10^3 t)	12.024	8.688	8.821
Preços:	Concentrado (rocha) ⁽²⁾ (US\$/t FOB)	94.00	104.00	105.50
	Concentrado (rocha) ⁽³⁾ (US\$/t FOB)	47.80	49.29	47.62
	Ácido Fosfórico ⁽³⁾ (US\$/t FOB)	183.62	225.90	246.54
	Produtos Intermediários ⁽⁴⁾ (US\$/t FOB)	200.48 / 316.17	233.37 / 298.42	241.67 / 323.03
	Conc. Rocha / Ácido Fosfórico ⁽⁵⁾ (US\$/t FOB)	109.02 / 476.73	114.81 / 601.95	140.69 / 555.67

Fontes: DNPM/DIDEM; ANDA/IBRAFOS/SIACESP/SIMPRIFERT; SECEX/MF (importação e exportação); Notas: (1) Produção + Importação – Exportação; (2) Preço médio vigente vendas industriais; (3) Preço médio base importação brasileira; (4) Preço médio: (base importação brasileira) / (base exportação brasileira); (5) Preço médio base exportação brasileira; (*) Produtos Intermediários: Fosfato Monoamônico - MAP, Fosfato Diamônico - DAP, SS, SD, TSP, ST - Termofosfato, NPK, PK e NP e outros; (**) Nutrientes em P_2O_5 ; (p) Preliminar; (r) Revisado.

VI - PROJETOS EM ANDAMENTO E/OU PREVISTOS

A FOSFÉRTIL/ ULTRAFÉRTIL apresenta como alternativa em estudo, a possibilidade de expandir a produção de fosfatados, por meio do aumento da capacidade do Complexo Industrial de Uberaba-MG e do desenvolvimento da mina de Salitre, na região de Patrocínio-MG, bem como busca condições de viabilizar a construção de uma nova unidade de produção de uréia e amônia, utilizando como matéria-prima, o gás natural.

A COPEBRAS pretende investir 250 milhões de dólares na ampliação da produção de fosfato beneficiado e fertilizantes acabados em suas unidades de Catalão-GO e Cubatão-SP no período de 2005-2007. Disso resultará incremento de 900 mil toneladas de rocha fosfática e 630 mil toneladas de fertilizantes acabados.

VII - OUTROS FATORES RELEVANTES

O fósforo é um elemento essencial à nutrição de plantas e animais. Faz parte do grupo dos macronutrientes primários: Nitrogênio, Fósforo e Potássio, os quais são imprescindíveis para o desenvolvimento das plantas. Não existe substituto para o fósforo na agricultura, sendo que as rochas fosfáticas são sua única fonte.

A produção brasileira cresce menos que a demanda, obrigando o país a importar. A competitividade dos produtos importados afeta também os preços dos produtos domésticos. No Brasil, as taxas de aplicação de fertilizantes por unidade de área plantada é menor do que a de países com a agricultura desenvolvida, o que revela um potencial ainda maior de crescimento. Investimentos em produção e em logística podem contribuir para que o parque brasileiro possa atender o consumo interno.